

humanitas



Vol. LXIII
2011

* *
* *

O segundo momento da homenagem, realizado no Hotel D. Luís, constou de um jantar de convívio no qual se apresentaram 168 participantes, onde cabe destacar a presença do Magnífico Reitor e da sua esposa. No final do convívio, em nome dos presentes, a Doutora Maria do Céu Fialho ofereceu uma prenda alusiva ao evento, e o homenageado agradeceu, sensibilizado. Por sua vez, o Magnífico Reitor não deixou de pronunciar amáveis e sábias palavras, onde tanto elogiou o ilustre docente como enfatizou o papel de mestres como o Doutor José Ribeiro Ferreira na modernização da Universidade de Coimbra, cujo futuro, sem prejuízo das dificuldades presentes, antevê com otimismo.

FRANCISCO OLIVEIRA

Da Ponta da Madrugada à Ponta do Silêncio
Homenagem ao Prof. Doutor Walter de Medeiros

Uma das qualidades que mais admiro no Professor José Ribeiro Ferreira é a sua constante generosidade, que sempre partilhou e continua a partilhar com os amigos, discípulos e, de igual modo, com os seus Mestres. Foi com esse espírito de gratidão sincera que no ano de 2009 editou *Três mestres, três lições, três caminhos*, na colecção digital Fluir Perene, obra em que presta homenagem aos Prof. Doutores Américo da Costa Ramalho, Maria Helena da Rocha Pereira e Walter de Medeiros. Constituindo, em primeiro lugar, um memorial para as gerações futuras do magistério pioneiro e influente exercido pelos três grandes Professores de Coimbra, esta obra acaba por ser também uma singela homenagem ao trabalho desenvolvido pelos professores e investigadores que se têm dedicado à renovação e divulgação dos Estudos Clássicos em Portugal.

Foi igualmente com este espírito de reconhecida gratidão que este ano editou, na mesma colecção Fluir Perene que criou em 2008, o livro *Da Ponta da Madrugada à Ponta do Silêncio*, com o subtítulo *Memórias e palavras*, em que reúne os textos que o Prof. Doutor Walter de Medeiros publicou no *Boletim de Estudos Clássicos* entre 1986 e 2000, sob as rubricas “Presença do passado” e “A cruz do tradutor”. A importância desta iniciativa louvável não ficaria por aqui, pois o Doutor Ribeiro Ferreira quis

ainda homenagear publicamente o nosso Mestre, o que viria a acontecer no dia 19 de Julho, na Livraria Barata, em Lisboa, numa sessão promovida pela Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e pelo Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra. Neste encontro de muitos familiares, amigos e colegas, o Prof. Doutor Walter de Medeiros, visivelmente emocionado, louvou o mérito e agradeceu com comoção a generosidade do Prof. Doutor Ribeiro Ferreira e a magnífica apresentação que a Prof. Doutora Maria Cristina Pimentel, da Faculdade de Letras de Lisboa, fez do seu livro. São essas palavras que se transcrevem de seguida.

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA



Foto de José Luís Brandão

Reunimo-nos aqui hoje para falarmos um pouco deste livro, *Da Ponta da Madrugada à Ponta do Silêncio*, e para, dele falando, homenagearmos o seu Autor, o Doutor Walter de Medeiros.

Da Ponta da Madrugada à Ponta do Silêncio. O título, sabem-no muitos, nasce da sentida evocação do Dr. Carlos Alberto Louro da Fonseca,

num texto retomado a abrir esta colectânea. Além disso, a Ponta da Madrugada e a Ponta do Silêncio são lugares da ilha de S. Miguel. Estes dados não são fortuitos, porquanto nos remetem para duas vias do sentimento e do modo de ser do Doutor Walter de Medeiros: a sua origem açoriana, e a amizade, valor que cultivou como poucos ao longo da vida e que, neste caso, se manifesta intocável para além da morte. Amizade, entrega, dádiva aos outros. Nesse, como em outros aspectos, o título fala-nos eloquentemente do autor do livro de quem todos, aqui presentes, conhecemos a generosidade e o saber.

Mas a evocação desses lugares, transformada em título que, por esse motivo, caracteriza a obra toda, é muito mais do que isso e sugere-nos outras interpretações, talvez subjectivas, mas que me atrevo a partilhar. Da Ponta da Madrugada à Ponta do Silêncio: da luminosa claridade de alguns autores gregos e latinos, da língua em que escreveram e dos temas que glosaram, ao silêncio do leitor que saboreia esse legado e que, tomando como guia a leitura destes textos de Walter de Medeiros, desses autores se abeira com olhos mais lúcidos e atenção mais desperta para a beleza que neles respira, imorredoura.

Da manhã que desponta ao anoitecer, da alba ao ocaso, a busca da perfeição, destino de Sísifo que o ser humano assume. Mas ciente de que a perfeição, como se diz na p. 8, é “apanágio dos deuses”. Ao homem mais não cabe, mais não resta, que perseguir o ideal de se aproximar, tanto quanto lhe é possível, dessa perfeição sonhada. “A poalha infável da pureza”, sublime verso de Calímaco em bela interpretação do Doutor Walter de Medeiros, tingida no entanto de mágoa, de melancolia, da amarga decepção da finitude humana. Quando o homem quer, a obra nasce: mas os deuses, ciosos da plenitude dos seus bens, não admitem ao homem mais que um rasgo de imortalidade, mais que um sopro de alegria. Em alguns textos desta colectânea, o Doutor Walter de Medeiros deixa-nos com o travo amargo da solidão humana, que teima em romper o tecido, tão frágil, da felicidade. Não podia ser de outro modo, vindo de quem ama e conhece como ninguém a poesia de Horácio.

Além do título, um subtítulo: *Memórias e Palavras*. Memórias de locais, de livros, até de pessoas. E palavras que reflectem e se nos entranham no espírito e no sentimento, pela beleza e a sedução que despertam, mas sobretudo pelo recorte do estilo: o Doutor Walter de Medeiros, todos o sabemos, escreve num português belíssimo, em que cada palavra, adivinha-se, é pesada demoradamente, rejeitando o coloquial, o soez, o menos

puro, quantas vezes escolhendo no nosso léxico vocábulos ressoantes que nos parecem vindos de um mundo perdido, roubados a um tesouro que a maioria de nós, por facilidade e incúria, quase esqueceu que existe, palavras que são, no entanto, por demais belas e preñhes de sentido. Escolho apenas, como quem colhe um fruto único, um só desses vocábulos cheios de mágica poesia: dilúculo. “Luminosidade do amanhecer, aurora”, assim o define Houaiss. A palavra é bela, evocando aquele momento esplendoroso em que a irmã do Sol lhe abre as portas do céu para que o carro de fogo saia. A nós lembra-nos um dos mais simples, ou melhor, um dos aparentemente mais simples *carmina* *Burana: Exiit diluculo...* Mas quem de entre nós se lembra de usar a palavra? Só alguém que, como Walter de Medeiros, conhece a fundo a língua portuguesa mas, mais do que isso, tem a sensibilidade, o gosto e a finura de estilo que o levam a usá-la com a leveza de uma água cristalina. Note-se que o próprio autor manifesta a consciência deste seu labor que nos lembra uma resposta ao apelo de um texto de José Gomes Ferreira: Não deixem morrer as palavras! Veja-se como, na p. 137, na 2ª parte desta colectânea, propõe “a ressurreição de uma palavra antiga”, ao sugerir a expressão “na singeleza da tua louçania” para traduzir o sintagma horaciano *simplex munditiis*, da ode I 15.

Reúnem-se, pois, neste livrinho (*libellus* lhe chamaria Marcial, mas ciente do valor do seu conteúdo), além do texto de abertura de que há pouco falámos, vinte e nove textos, publicados ao longo de catorze anos, e agora organizados em duas secções: **Presença do Passado** e **A Cruz do Tradutor**.

A primeira contém dezanove textos, assaz breves, mas que constituem manancial riquíssimo de informação dada com rigor, elegância e actualidade. Não posso, nem devo, enumerar exaustivamente os temas abordados. Ao sabor da pena e da memória, evoco alguns. Walter de Medeiros traz ao presente – o do tempo da escrita e o da leitura que agora nos proporciona – documentos minuciosos, como o que escreve sobre a descoberta e a recuperação dos Bronzes de Riace, ou discussão de teorias e levantamento de problemas, como faz a propósito da estátua de Afrodite ou sobre a importância da requintada civilização da Bactriana.

São quadros de apuro descritivo, como do *locus amoenus* da *uilla* entre todas amada de Plínio-o-Moço, ou vívidas evocações que nos fazem ver “claramente vistos” cenas patéticas, como acontece na notícia dramatizada da catástrofe de 79, quando a violência do Vesúvio destruiu e aniquilou “os mortos de Herculano”, quando, em imagem de Walter de

Medeiros, “a morte cavalgava sem parar” (p. 24), ou como acontece no “quadro de horror e de ternura” que, em recorte de pura sensibilidade, o autor nos pinta a propósito de outro desastre natural, um tremor de terra em Cipro no ano 365, e se detém, em contida piedade e admiração, ante o significado de um anel com as iniciais de Cristo encontrado junto a um casal e o filho pequenino que a tragédia colheu num segundo de aflição.

Nestes textos há, também, espaço para a ironia, subtil e por isso mais certa, como quando nos fala das Lisístratas americanas de sangue na guelra e fugazes propósitos de greve sexual, tal como há lugar para percebermos em certos passos desta primeira secção o humor e o gosto de viver de Walter de Medeiros, como acontece no que escreveu sobre o balneário-prostíbulo descoberto no exterior da Porta Marina em Pompeios; ou para descortinarmos o fascínio e o interesse humanista com que admira, adivinhando-a, a beleza da *matrona* de Oplôntis, ou com que descreve as feições do rei Midas, a partir da reconstituição que os Ingleses intentaram sobre o crânio descoberto na Frígia. E se, em alguns textos, pressentimos a malquerença relativamente a alguns idolatrados vultos da Antiguidade, como Octávio Augusto, para quem reserva o olhar pouco condescendente com que evoca a fraqueza e a impiedade, a crueldade e a dureza com que o *princeps* tratava os vencidos e vingava as afrontas, em outros textos também lemos, inscritas de forma mais ou menos fugaz, algumas das paixões do Doutor Walter de Medeiros: Itália, a sua Itália, conhecida e amada como se fora uma mulher, amor profundo que se revela na alusão e na memória de cidades e monumentos; a emoção sentida em alguns museus e alguns lugares; Gabriele d’Annunzio, ainda que este autor apareça lá mais para o fim do livro e na 2ª secção...

Sobre estes textos da 1ª parte, gostaria, ainda, de dizer que eles não perderam de forma alguma actualidade, mesmo que tenham sido motivados por acontecimentos como achados arqueológicos, novas teorias divulgadas ou retomadas, notícias de revistas ou jornais que o Doutor Walter de Medeiros, atento ao seu mundo, não deixou de registar e de enriquecer com comentário. Com eles revisitamos lugares, entramos em museus, acordamos para pormenores que nos haviam escapado, partilhamos, afinal, com Walter de Medeiros, o profundo amor pelo mundo clássico, pelas suas gentes e pelo que construíram, mas também pelo que adivinhamos que sentiram e sofreram.

Além da actualidade, toca-nos o valor literário presente nestes textos breves, mas carregados de beleza. Uma vez mais, fascina-nos o apuro da

adjectivação, a harmonia da frase, a escolha das palavras que são, em si, evocadoras de imagens, de sons, de cores, de cheiros, de movimento. Um só exemplo: para quem, como eu, traz sempre na saudade do olhar e do coração as planícies alentejanas em que nasci, o “loirejar das searas” é uma soberba imagem que sugere a cor e o adejar do vento nas espigas, a extensão da messe na planura sob o sol inclemente. E todo o texto se nos abre sob os olhos e a emoção.

Falarei, ainda, da segunda secção, a que agrupa textos, necessariamente mais extensos, sob o título *A Cruz do Tradutor*. São dez magníficas lições de como se deve traduzir, do método que deve adoptar quem quer abeirar-se, tanto quanto é possível, dos textos originais, sempre na atitude que o autor define como exigindo incessantemente “um esforço maior de aproximação”. Talvez seja de lembrar apenas os autores de que o Doutor Medeiros escolhe passos para reflectir, analisar e, depois, verter para o português belíssimo que lhe conhecemos: Calímaco; Catulo e o seu carne 85, o famoso *Odi et amo*, que avalia como “cilício e guirlanda de uma paixão ardente”; Apuleio, uma das paixões literárias do Doutor Walter de Medeiros, autor de quem diz ser “o mais requintado [artista] que teve, na prosa, a literatura latina” (p. 144), e de que nos dá três passos em magnífica tradução; Pérsio, autor tão difícil, que merece, por duas vezes, a sua atenção e arte; e, é claro, Horácio, na leitura de duas odes e, ainda, do famoso Epodo XV.

Porque disse há pouco que são lições de como há que ler um texto que se quer traduzir, enumero alguns dos caminhos trilhados e das opções documentadas e justificadas nestas páginas: confronto e discussão de traduções e comentários já existentes; respeito pelo sentido e, na medida do possível, pelos valores estilísticos do original; preocupação não só com as figuras de estilo, mas também com a própria sonoridade das palavras; recusa das traduções “banalizadoras” ou, “pior ainda, explicativas”; cuidado em postergar cacofonias e em evitar o prosaico, sem no entanto trair o significado exacto dos vocábulos; recurso tão escasso quanto possível a perífrases; identificação de ecos literários e análise intertextual, como forma de iluminar o texto a traduzir...

Neste livrinho – *libellus* continuo a chamar-lhe, porque é amável no equilíbrio entre a forma e o rigor do conteúdo – a presença do Doutor Walter de Medeiros está, ainda, nas fotografias que se encontram nas suas páginas: rodeado de amigos, de colegas, de alunos, junto da sua Maria Luísa... e em alguns lugares das suas viagens e das suas aulas. Memória viva de um Mestre e de um Amigo, falta-me apenas uma coisa nele, vazio

que me apressarei a preencher: a letra do Doutor Walter, miudinha e desenhada, harmoniosa e elegante. Digo que preencherei essa lacuna porque lhe vou pedir que me escreva uma dedicatória, como tantas me escreveu em artigos e livros que me ofertou. Permita-se-me uma nota pessoal: foi o Doutor Medeiros meu arguente na defesa da dissertação de mestrado, sobre Séneca; logo em seguida, quando comecei a minha investigação para o Doutoramento, tive oportunidade de o conhecer mais de perto, em Coimbra, onde logo me apercebi ser proverbial a generosa atitude com que ajudava todos os que se lhe dirigissem, com dúvidas ou em busca de orientação. Sabendo do autor que eu escolhera, Marcial, e independentemente do espanto com que acolheu a minha opção de tratar a poética de Marcial numa perspectiva funcional de propaganda política, logo o Doutor Walter começou a enviar-me para Lisboa artigos de revistas, algumas que me eram inacessíveis, outras acabadinhas de sair, e a oferecer-me livros de traduções e comentários de que generosamente se desfazia para que eu enriquecesse as minhas pesquisas. Outras vezes, enviava-me postais e cartas, com uma indicação bibliográfica ou uma sugestão de análise, ou simplesmente palavras amigas que procuravam saber do andamento do meu trabalho e me transmitiam apoio, incentivo e amizade. Se o relembro aqui, é porque sei que outros terão recordações semelhantes e sentem, como eu, a par da profunda admiração, um reconhecimento que nada pode apagar.

Quero, porém, que as últimas palavras que profiro não sejam minhas. Quero que seja a beleza a visitar-nos, ainda que tocada da amargura que sempre ensombra os amores humanos. Venha Horácio, na sublime tradução do Doutor Walter de Medeiros (*Carm.* 1.5, pp. 127-142): a um poeta tão grande, só outro poeta o pode verter na nossa língua.

Quem é esse moço que, delgado, em uma efusão de rosas,
e inundado de essências perfumadas, te estreita,
Pirra, na sombra amaviosa de uma gruta?
Para quem prendes a loura cabeleira,

na singeleza da tua louçania? Ah, quantas vezes a fé mudada
e as viragens dos deuses ele há-de prantear, e <quantas>,
em sua inexperiência, ele se há-de maravilhar
da crueza do mar, batido por negros ventos!

Ele que, nesta hora, crédulo goza a tua beleza de ouro,
ele que sempre disponível, sempre amena
te espera – e não conhece da aura
os seus enganos! Desventurados aqueles que,

por te não terem experimentado, a tua cintilação deslumbra!
Por mim, em tabuinha votiva, a sacra parede testemunha
que as vestes, alagadas, suspendi
em oferenda à deusa poderosa do mar.

Maria Cristina Pimentel

A fundação da ESE, da ESA e do IPCB (Ano de 1980-1981)

Nota Introdutória

A 29 de Dezembro de 2005, o Instituto Politécnico de Castelo Branco completou 25 anos de vida. Para comemorar as suas Bodas de Prata, resolveu a Direcção publicar um número específico sobre a sua história. Entre as homenagens a prestar, encontrava-se, naturalmente, a história das suas origens a publicar num livro — volume de que foi encarregado o Dr. António Camões.

Nesse sentido, fui convidado, a meio do ano, para escrever um artigo sobre o primeiro ano da Comissão Instaladora, de que eu fui o primeiro presidente. Posteriormente, ignoro por que razões, foi deliberado prescindir deste número especial de História.

Ora eu, em Julho e princípios de Agosto de 2005, tinha dado volta aos meus arquivos, para escrever de modo rigorosamente histórico e documentado. Foi-me, pois, devolvido um artigo que continha dois aspectos para mim importantes: era uma página muito útil para a compreensão do ambiente e circunstâncias que então se viveram; e era também uma página importante das minhas Memórias, arrancada da documentação oficial, das minhas agendas de 1980 e 1981 e também recordações de passos vividos, muitos deles complexos, bem como agradáveis uns, desagradáveis outros.

O artigo sobre a fundação do Instituto Politécnico de Castelo Branco e, anteriormente, das Escolas Superior de Educação e Superior Agrária, suas duas primeiras Escolas componentes, jazia, pois, nas minhas reservas